

O RISO NA CULTURA SURDA – INTERPRETANDO PIADAS

Laughter in deaf culture – interpreting jokes

Carolina Hessel Silveira¹

RESUMO

O riso faz parte de todas as culturas humanas e também é um importante elemento da cultura surda, atravessando fronteiras nacionais e etárias. O presente artigo tem como objetivo explorar a importância do humor na cultura surda e expor algumas de suas características. Para isso, exemplifica-se o humor surdo por meio de apresentação e análise de três piadas que circulam bastante: a primeira referente a uma 'granada', a segunda envolvendo uma situação de 'lua de mel' e a terceira nomeada como 'Por favor, mas...!' (*Please, but*). A partir de estudos anteriores (SILVEIRA, 2015; SILVEIRA e KARNOPP, 2016), que enfocam a dimensão cultural das piadas, elas são interpretadas dentro de duas intenções de

ABSTRACT

Laughter is part of all human cultures and also an important element in deaf culture, crossing national and age boundaries. This paper aims to explore the importance of humor in deaf culture and present some of its characteristics. In order to do that, deaf humor is exemplified through the presentation and analysis of three known jokes: the first refers to a 'grenade'; the second involves a 'honeymoon' situation and the third is called 'Please, but...!'. Upon previous studies (SILVEIRA, 2015; SILVEIRA and KARNOPP, 2016), which focus on the cultural dimension of jokes, they are interpreted within two laughing intentions: 'laugh

¹ Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil;
e-mail: cahessil12@gmail.com.

riso: 'rir dos outros' (dos ouvintes) e 'rir de nós mesmos' (dos surdos). Reafirma-se a importância das piadas dentro da cultura surda, pois o humor contribui para reafirmar identidades e laços dentro da comunidade surda.

PALAVRAS-CHAVE

Humor; Piadas surdas; Cultura surda.

at others' (at hearing people) and 'laugh at ourselves' (at deaf people). The importance of jokes within the deaf culture is reiterated, as humor contributes to reaffirm identities and ties inside the deaf community.

KEYWORDS

Humor; Deaf jokes; Deaf culture.

Primeiras aproximações

Nos últimos vinte anos, aumentou a importância da cultura para a compreensão da comunidade surda, que deixou de ser vista como um simples grupo de pessoas com deficiência. As características da comunidade, suas produções artísticas e suas narrativas também começaram a ser mais conhecidas e estudadas, como se pode ver, por exemplo, em obras como MULLER, 2012; KARNOPP, SILVEIRA, 2014; SILVEIRA, KARNOPP, 2016; MULLER, KARNOPP, 2012; MOURÃO, 2016; BOSSE, 2019; POKORSKI, 2020, entre outras.

Por outro lado, o humor existe em todas as culturas e comunidades humanas. Castro (2003, p. 131) relembra que ele “funciona como uma espécie de ingrediente que empresta à dureza do real o necessário, e surpreendente, toque de descontração e, nessa medida, contamina as pessoas”. Geralmente o humor é uma coisa vivida – transmitida por meio de piadas, anedotas, histórias engraçadas. O humor faz rir e o riso cria ótimas ocasiões para as pessoas se reunirem e criarem laços. Na comunidade surda, o partilhamento de piadas sempre existiu, mas só mais recentemente aconteceu o interesse pelo registro e a análise das piadas mais conhecidas. Só há alguns anos as piadas surdas começaram a ser tomadas como algo sério, que podia ser estudado. Afinal, como afirma Slavutzky (2014) no título de seu livro *Humor é coisa séria*.

Neste artigo, meu objetivo é explorar a importância do humor na cultura surda e expor algumas de suas características. Para isso, exemplificarei o humor surdo por meio de apresentação e análise de três piadas que circulam

bastante entre surdos: a primeira referente a uma granada, a segunda envolvendo uma situação de lua de mel e a terceira que podemos identificar como “Por favor, mas...”.

Depois da apresentação das piadas, vou discutir algumas representações – considerando o conceito de representação de Stuart Hall (2016), que examina sua produtividade e não seu valor de verdade –, e ideias que elas trazem em relação a surdos, a ouvintes e a situações de vida em que eles se envolvem. Seguindo uma categorização já desenvolvida em Silveira (2015) e Silveira e Karnopp (2016), as piadas apresentadas se encaixam em uma ou outra intenção de riso: “rir dos outros” (dos ouvintes) e “rir de nós mesmos” (dos surdos). Como Slavutzky (2014, p. 81) afirma, em relação a todas as culturas, “ter senso de humor é dispor de uma perspectiva simbólica que faz o sujeito rir de si mesmo e dos demais, gerando prazer e aliviando a dor”.

Rir dos outros [ouvintes] – a piada da granada

A primeira piada vou denominar de GRANADA, porque envolve uma situação com este artefato de guerra. Apresento o resumo de uma de suas versões mais conhecidas.

Era uma situação de guerra, em que se precisava recrutar soldados. Um surdo se alistou para participar, foi recusado porque era surdo. Mas o coronel então reconheceu que o surdo tinha sido o melhor atirador de granadas na guerra passada, então, deixou ele se alistar para a nova guerra. Então este soldado surdo atirou granadas durante a guerra e com sucesso. O soldado ouvinte ficou interessado em aprender a atirar granada muito bem como o soldado surdo. O soldado surdo ensinou para o soldado ouvinte, treinando-o para atirar a granada. O soldado surdo sempre contava de 1 a 10 em língua de sinais até atirar a granada para explodir. O soldado ouvinte resolveu fazer igual ao surdo. Contou os números, até 5. Depois, como não sabia contar em língua de sinais, usou o gesto usual dos ouvintes (com duas mãos para contar 6 e outros números), mas demorou mais do que devia e a granada explodiu nele mesmo.

Foram localizadas seis fontes de reconto desta piada: três brasileiras (em um DVD FENEIS SP, 2010 e em dois vídeos no YouTube²); uma estadunidense³; uma argentina⁴ e uma mexicana⁵. As versões que encontrei são de 2008 a 2010 e têm algumas diferenças que abaixo serão explicadas.

Essa piada ilustra a importância de se aprender a usar a língua de sinais; se o sujeito não sabe usar a língua com fluência, isso pode ser trágico. Mostra a esperteza dos surdos, usuários de língua de sinais com fluência, e a tragédia dos ouvintes, não usuários. A expressão “o surdo aprendeu muito bem”, que aparece em uma das versões, mostra aspectos positivos em relação ao surdo.

A piada mostra também diferenças entre as línguas de sinais no uso de números – uma ou duas mãos, mostrando desafios e limites de tradução entre línguas de sinais que usam uma ou duas mãos.

Entretanto, em duas versões – a argentina e a mexicana – não aparece o personagem soldado ouvinte. Nelas, o local é o campo do exército e o soldado surdo está iniciando seu treinamento no exército. Nessas duas versões, é o próprio soldado surdo que morre, por demorar a fazer sinais quando estava segurando a granada, contrariamente a todas as outras versões, em que é um soldado ouvinte que morre por não saber a língua de sinais (LS).

Quanto à sequência da narrativa, percebemos que em três versões se apresentou um coronel que reconheceu que o surdo era um melhor profissional atirador da granada. Uma única versão mostra que o soldado surdo levou um tiro no braço e foi impedido de continuar a atirar a granada. Esta versão situou a guerra na Arábia. Outras versões não dizem qual era o país. Os títulos das versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “Soldado surdo”, “Surdo granada”, “Guerra com surdo”.

Quanto à análise das representações de surdos e de uso da língua de sinais, observamos representações vinculadas a desvantagens relacionadas à dificuldade de aprender a LS ou à lentidão no uso de sinais. Por exemplo, os números em Libras podem ser feitos com uma única mão, do 1 ao 10 e seguintes. No entanto, usuários não-fluentes de uma LS utilizam as duas mãos, usando

² O ator brasileiro Santiago Feliciano (20.10.2008) apresenta a piada em https://www.YouTube.com/watch?v=YMLhzoa55F0&list=UUUXIGdc0bzhslPKtsl_2JQg&index=59 e o ator brasileiro Andrei Borges (28.10.2010) apresenta a piada no site <https://www.YouTube.com/watch?v=irC5qBRTQes>.

³ Disponível em: [<https://www.YouTube.com/watch?v=3oaAB4B9edk>]. Acesso em > 24 dez. 2008.

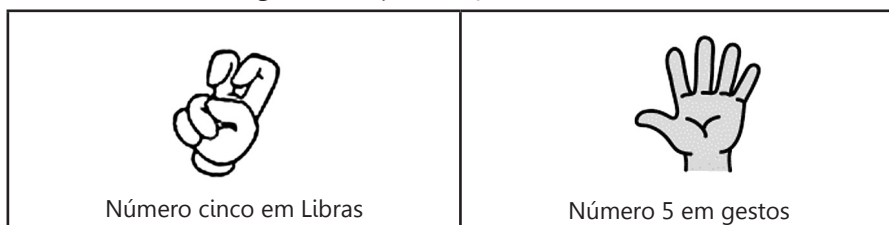
⁴ Disponível em: [http://www.YouTube.com/watch?feature=player_detailpage&v=o7-SRQmRRs8j].

⁵ Disponível em: [<https://www.YouTube.com/watch?v=fwTZoDeRyeYj>].

gestos para representar os sinais a partir do número seis. Então, é possível fazer sinais com uma mão e na outra segurar uma granada. Caso o usuário não saiba sinais, precisará deixar a granada em algum lugar (embaixo do braço ou entre as pernas) para continuar a contagem dos números. Tal necessidade acarreta um atraso no tempo e a explosão acontece.

É também ilustrado o uso “clássico” do número cinco, pois não-fluentes usam o gesto comum de cinco, diferentemente da LS, que usa uma configuração de mão com dois dedos selecionados e flexionados, conforme ilustra a figura a seguir.

Figura 1 – Representações do número 5.



Fonte: Imagens no Google.

Também se verifica, na maioria das versões, a vantagem dos surdos para lançarem granada sem acontecer acidente, como acontece com os ouvintes, que sofrem o acidente por falha no uso de LS. Outro destaque é a visualidade como a experiência forte dos surdos, que acertam em alvos como avião, helicóptero ou soldados. A visão é apresentada como vantagem, com surdos com ‘olhos de águia’ para acertarem o alvo.

Por fim, destacamos que a análise desta piada também mostra que os surdos não podem trabalhar profissionalmente como soldados (no exército), pilotos etc. Demoram muito até aceitar o surdo para trabalhar, e geralmente entram em contato com os superiores para fazer sua solicitação; isto se vê quando se relata, na piada, por exemplo, que o soldado chamou o coronel ou chefe para avaliar seu pedido e liberar sua entrada. Também há a desconfiança sobre se os surdos são capazes de trabalhar com aquelas tarefas.

Rir de nós mesmos [surdos] – a piada sobre lua de mel e a piada

‘Por favor, mas...?’

Outra piada muito conhecida da Comunidade Surda é a piada “Lua de mel”, da qual apresentamos uma primeira versão sintética.

Um casal surdo foi viajar em lua de mel. Chegaram no hotel, o noivo desceu para pegar alguma coisa no carro; depois, não lembrava mais qual era o número do quarto (andar). Resolveu buzinar do carro e logo se acenderam todas as luzes nas janelas. O noivo identificou a janela em que não se acendeu luz; logo, era onde estava a noiva. Calculou qual era o andar e subiu.

Há várias versões desta piada, entre as quais três registros estadunidenses mais antigos; conforme Gannon (1981, p. 206), é uma piada antiga e o seu registro é o mais antigo que localizei. Observem:

Um homem surdo foi convidado para uma festa em um hotel. Em sua chegada, ele percebeu que havia esquecido o número do quarto, mas lembrava o andar. Ele então bateu em todas as portas daquele andar. A porta que não abriu, ele sabia que era a da festa. Ele então a abriu e entrou (Tradução nossa).⁶

Esta piada é um exemplo das tensões que surgem da competição pelo controle do som e do significado do som entre surdos e ouvintes. Padden e Humphries (1988, p. 103) também apontam a antiguidade da piada, conforme este registro escrito:

Um casal Surdo dá entrada num motel. Eles recolhem-se cedo. No meio da noite, a esposa acorda seu marido queixando-se de uma dor de cabeça e pede que ele vá até o carro e busque algumas aspirinas o porta-luvas. Cambaleante e com sono, ele esforça-se para levantar, veste seu roupão, sai do quarto até o carro. Ele encontra as aspirinas, e com o frasco na mão volta em direção do motel. Mas ele não lembra qual é o quarto dele. Após pensar por um instante, ele volta ao carro, coloca sua mão na buzina, segura-a e espera. Rapidamente a luz do motel acende, todas menos uma. É o quarto de sua esposa, claro. Ele tranca seu carro e vai em direção do quarto sem luz acesa.

Outra versão desta piada é apresentada por Lane (1992, p. 89):

Um casal surdo é sempre acolhido pelo proprietário do motel, mesmo quando fazem o registro de entrada já tarde. Vão para o seu quarto, onde a mulher se apercebe que deixou os cigarros no carro; o marido vai buscá-los e não consegue lembrar de qual dos

⁶ *A deaf man was invited to a party at a hotel. On his arrival he realized that he had forgotten the room number, but he remembered the floor. So he knocked on all the doors on that floor. The door that didn't open, he knew was where the party was. He opened it and walked in.*

quartos mais próximos e idênticos – está tudo escuro – ele havia saído apenas alguns minutos antes. Ele começa, então, a buzinar insistentemente, acendem-se as luzes em todo o motel – excepto num quarto, onde ele entra e vai para a cama.

Além desses exemplos, foi possível assistir a uma propaganda⁷ da *National Relay Services*, sobre telefone na Austrália para surdos e ouvintes, através de um filme de curta metragem⁸, onde apareceu uma cena no filme que se refere à piada sobre lua de mel. Veja as figuras.

Figura 2 – Cenas de peça publicitária australiana que fazem referência à piada sobre lua de mel.



Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=9ntmf5BA8RQ>.

Além dessas ocorrências citadas nos parágrafos anteriores, localizei outras seis versões desta piada: (a) em texto impresso, dos Estados Unidos (*Deaf-Culture – Our Way: Anecdotes from the Deaf Community*); (b) em texto impresso, da França (*Surdos, 100 piadas*); (c) num comercial da Pepsi, no YouTube⁹, dos Estados Unidos; (d) no DVD *Sandro Pereira*; (e) em piada brasileira no YouTube e (f) em piada brasileira coletada no YouTube¹⁰. Veremos algumas semelhanças e diferenças entre essas versões.

Quanto às semelhanças, observamos que nestas versões há duas pessoas, geralmente um casal, que se envolvem em uma situação. No entanto, há duas versões (uma dos Estados Unidos e outra brasileira) que modificam um pouco os personagens, apresentando dois amigos, não um casal. Uma única versão, brasileira, disponível no Youtube, traz dois amigos, um surdo e um ouvinte;

⁷ Disponível em: [<http://relayservice.gov.au/making-a-call/video-relay/>].

⁸ Disponível em: [<https://www.YouTube.com/watch?v=9ntmf5BA8RQ>].

⁹ Disponível em: [<http://www.YouTube.com/watch?v=ffrq6cUoE5A>].

¹⁰ Disponível em: [<https://www.YouTube.com/watch?v=0XgT1SWFd4g>] e [<https://www.YouTube.com/watch?v=Apje5BQMKg0>].

nas demais versões, todos são surdos. Além disso, há outros elementos clássicos encontrados de modo recorrente nas diferentes versões:

- o local é geralmente hotel ou motel;
- o casal está em lua de mel;
- o homem sai para buscar algo que esqueceu ou para comprar algo;
- o uso de buzina (em algumas, é um grito ou um “peido” muito barulhento).

Os títulos das versões são próximos: “Lua de mel”; “Hotel”; “Motel”, sendo que duas versões não apresentam título. Apenas uma versão apresenta um título bem diferente, porque o foco é um comercial de Pepsi-Cola. A maioria das versões apresenta como local um hotel ou motel, menos duas, uma que mostra um prédio onde mora o casal surdo e outra, em que há uma festa numa casa.

No enredo da narrativa, percebemos que, em todas as versões, é o homem quem sai para fazer, buscar ou comprar algo. Em nenhuma situação a mulher saiu para fazer, comprar ou buscar algo. Neste sentido, podemos inferir que as questões culturais e de gênero estão marcadas na piada, em que o homem sai e a mulher fica em casa.

Na situação problema, observamos que, ao sair, o homem compra variadas coisas, dependendo da versão: champanhe (em uma versão estadunidense), bebida alcoólica não especificada (em uma versão brasileira) e camisinha (em outra versão brasileira). No entanto, na versão portuguesa, o homem saiu para beber em um bar; na versão da publicidade, eram dois amigos surdos tomando Pepsi-Cola em um carro e, na última versão, que é brasileira, eram dois amigos, sendo que o ouvinte saiu para lanchar e o surdo adormeceu.

Quanto ao desfecho da narrativa, em todas as versões houve o barulho para acordar ou incomodar os vizinhos e localizar o quarto onde o surdo estava, por ser o único em que a luz não é acesa. A buzina é um elemento clássico no desfecho da piada, mas em algumas versões, o desfecho é soltar “peido” (humor escatológico), apertar o interfone de todos os apartamentos ou gritar bem alto. Observem na figura abaixo quatro telas – retiradas de quatro versões da piada presentes no Youtube – em que a origem do som perturbador é diferente.

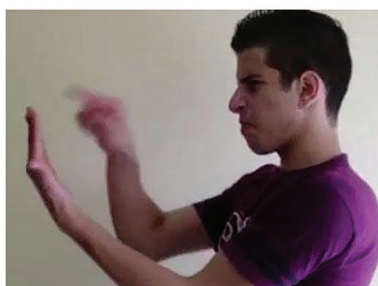
Figura 3 – Cenas que mostram barulhos perturbadores em versões diferentes da piada Lua de mel.



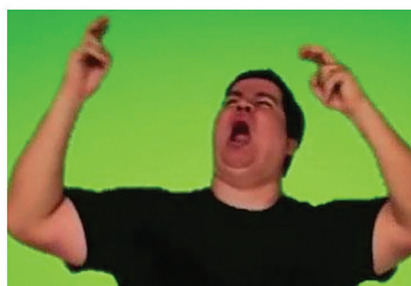
Buzina - EUA 2008



Peido - BRASIL 2009



Interfone - BRASIL 2010



Grito - BRASIL 2013

Fonte: YouTube

Uma das versões desenvolve bastante o final, expandindo alguns detalhes, por exemplo: após luzes serem acesas no prédio, o homem entrou no apartamento errado e encontrou uma velhinha surda na cama.

Por fim, quanto às representações de surdos e características da cultura surda, nas versões desta piada, pode-se ver que o fato de ser surdo – embora seja o motivo do riso – também é uma vantagem. O barulho é um incômodo para os ouvintes e os surdos não são incomodados por isso. Outro aspecto é o uso de estratégia visual para a localização de algo esquecido – ao perceber que não se lembrava do número do apartamento, o marido ou noivo tem uma ideia que só pode ter sucesso porque a noiva ou esposa é surda e não vai ter a reação que todos os ouvintes têm: acender a luz. Assim, quanto às representações, podemos afirmar que o silêncio e o uso da visão são mostrados como ganhos surdos.

Uma última piada a que vamos nos referir aqui, na qual os próprios surdos são objeto de riso, envolve a cancela das estradas de trem e é conhecida com o título ‘Por favor, mas...’.

Figura 4 – Telas de vídeo da narrativa da piada 'Por favor, mas...'



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=asx0Xxvh-TE>.

Rutherford nos traz uma versão escrita desta piada (1983, p. 310):

Uma vez um homem, bem, uma pessoa, uma pessoa Surda, estava dirigindo e parou em uns trilhos de trem porque a cancela de sinalização do cruzamento estava abaixada, mas nenhum trem estava passando. Então ele esperou por um tempo para que um trem passasse, mas nada. A pessoa decidiu, então, sair do carro e caminhar até a cabine de controle, onde havia um homem que controlava as cancelas. Ele estava sentado lá, falando no telefone. O homem Surdo escreveu na melhor forma que conseguia (elegantemente), “Por favor m-a-s”, e entregou o papel ao controlador. O controlador olhou para a pessoa Surda com um olhar inquisidor, “Por favor, mas...Hein?”. Ele não havia entendido aquilo.

A confusão acontece porque o surdo, quando escreveu seu pedido para o controlador, ficou em dúvida sobre a palavra a usar... e lembrou o sinal MAS, que é igual à forma de CANCELA. Ele pensou estar esclarecendo, mas só complicou para o controlador, que não conhecia o sinal. Este tipo de confusão na comunicação é comum, já que a língua dos surdos é diferente da dos ouvintes, e às vezes acontecem erros na comunicação que provocam o riso.

Pela piada “Por favor, mas...”, podemos lembrar que é comum os surdos escreverem palavras a partir dos sinais, julgando que os sinais também podem ajudar a pedir alguma informação. Quando os surdos escrevem para outros surdos, geralmente se entendem entre si. Para ouvintes que não conhecem os sinais ou não têm conhecimento da cultura surda, fica difícil esta compreensão e acabam acontecendo situações engraçadas. Situações semelhantes ocorrem na Comunidade Surda, mas sem provocar riso. Lembro que o sinal PIOLHO é semelhante ao sinal PULGA. Em uma ocasião, uma mãe surda escreveu uma

mensagem no Whatsapp, dizendo que sua filha estava com pulga no cabelo. Imediatamente, outra surda entendeu e respondeu: ‘ah, sim, é piolho...’.

Em estudo mais amplo que realizei sobre um conjunto maior de piadas surdas (SILVEIRA, 2015), pude observar que a maioria das piadas apresenta temáticas relacionadas ao problema de comunicação, com situações em que o ouvinte não sabe a língua de sinais. Trata-se de representações vinculadas a problemas de comunicação em consequência do não uso de uma língua de sinais pelos ouvintes. O humor aqui trabalha no sentido de inverter discursos, de mudar os discursos que apresentam os surdos como pessoas com “dificuldade de comunicação”, anormais (LANE, 1992). Neste sentido, Gomes (2009) afirma que o riso é uma expressão das imperfeições humanas e também uma forma de identificação e socialização, pois através do riso transformamos pessoas estranhas em amigos, festejamos eventos ou recontamos histórias... O riso pode trazer união ao grupo e também pode desconstruir alguns discursos.

As piadas que focalizam em **problemas de comunicação** têm elementos comuns entre si, pois apresentam os problemas dos ouvintes que não sabem sinais. Nessas situações, há outros desdobramentos relacionados com a zombaria e os limites de ouvintes no uso da língua de sinais, considerando que nos textos cômicos frequentemente há ouvintes com dificuldades na comunicação e no aprendizado da língua de sinais. Ao rir dos outros e da sua pouca fluência em sinais, também se articulam para apresentar o valor da língua de sinais. Assim, em piadas como “Granada”, torna-se evidente a valorização da língua de sinais, de seu uso e funcionamento, e das vantagens de uma língua em uma modalidade gestual-visual. No caso dessa piada, temos um soldado que precisava ter afinidade com o uso de língua de sinais para contar os números mas não tinha: perdeu tempo e sofreu com a explosão.

Algumas considerações finais

Ao abordarmos a questão das piadas surdas, podemos ligar o riso à necessidade de amparo, de expressão de singularidades que se transformam em expressões coletivas, que celebram o social, o viver junto, os sinais, as experiências vivenciadas e compartilhadas. O riso, nas piadas surdas, vem também de uma oposição a uma certa ordem estabelecida, a uma estrutura e funcionamento valorizados socialmente. Dessa forma, de onde se espera o comum, o dado, surge

o inesperado, o novo. A informação nova se sobrepõe a uma informação dada, tida como “natural”.

As piadas surdas constituem parte da agenda de luta da comunidade surda, proporcionando alegria de viver e o fortalecimento do grupo. Com relação a isso, podemos citar Propp, que comenta que “o riso é importante como arma de luta, mas é também necessário enquanto tal como manifestação de alegria de viver que estimula as forças vitais” (1992, p. 190). De outro ponto de vista, Eagleton (2020, p. 113) observa que ‘a solidariedade gerada pelo humor é inseparável da noção de nossa diferença em relação aos outros e, como consequência, pode gerar certo antagonismo em relação a eles. Neste sentido, o humor é tanto elo quanto arma’.

Como vimos, o riso de zombaria, em situações em que se faz alguém de bobo, é recorrente em piadas surdas. O riso de zombaria é encontrado também em outras pesquisas sobre o humor, conforme destaca Propp

Dos materiais que analisamos é possível que o aspecto de riso mais estritamente ligado à comicidade seja aquele que chamamos de riso de zombaria. É justamente o tipo de riso que mais se encontra na vida e na arte, e está sempre ligado à comicidade. E isto é compreensível. A comicidade costuma estar associada ao desnudamento de defeitos, manifestos ou secretos, daquele ou daquilo que suscita o riso. (1992, p. 171).

Neste sentido, ao se zombar do ouvinte que não sabe sinais, inverte-se uma lógica, uma forma de comunicação “naturalizada” como a mais vantajosa, mais valorizada. A comicidade nas piadas em que o soldado acaba estourando a granada em suas mãos por não saber sinais está associada a mostrar defeitos, limitações humanas, dificuldades, atrapalhões, erros... neste caso, do ouvinte que não sinaliza. O efeito cômico surge em piadas que representam as dificuldades de usar sinais, limitações e falta de fluência na língua. Para Rutherford, “Se analisarmos o conteúdo manifesto da piada, vemos que a questão central é de comunicação, ou falta de (1983, p. 315).”

Quanto à importância da visibilidade ou da experiência visual, algumas piadas, como “Lua de mel” e “Granada” apresentam as vantagens relacionadas ao uso da visão, à atenção e à experiência visual da qual os surdos tiram proveito para o desempenho de atividades. Por exemplo, na piada “Granada”, o soldado surdo acerta o alvo com muita facilidade; já em “Lua de mel” é utilizado o acender das luzes para localização e satisfação de seus objetivos. Estas

piadas estão relacionadas ao ganho surdo, às vantagens de ser surdo. O ganho surdo remete, junto a outros aspectos, ao orgulho surdo, ao fato de se valorizar a diferença e torná-la sua, como motivo de orgulho. Conforme McCleary, orgulho de ser surdo pode parecer estranho para os ouvintes que enxergam o surdo como deficiente:

Agora, diga para um ouvinte, “Eu tenho orgulho de ser surdo!” O ouvinte vai ficar chocado. Ele vai ficar confuso. Por que razão ter orgulho de ser surdo? O ouvinte sempre acreditou no seu coração que a surdez é uma falta. É uma deficiência. Como é possível ter orgulho de uma deficiência? As pessoas podem ter orgulho de alguma coisa que elas têm, mas não de uma coisa que não tem, uma falta, uma deficiência. Então quando o surdo diz “Eu tenho orgulho de ser surdo”, ele choca e confunde o ouvinte. O ouvinte não gosta de ouvir isso, porque começa a colocar em questão a certeza que o ouvinte tem sobre o mundo. Ele não pode mais achar que o surdo é um “coitado”, porque um coitado não tem orgulho de si mesmo. O ouvinte fica com medo. O mundo do ouvinte começa a ficar menos seguro, mais complexo. O ouvinte não tem explicação para o orgulho do surdo ser surdo. Como é possível uma pessoa ter orgulho de ser surdo? Para o ouvinte, é um absurdo. É um paradoxo. (2003, p. 02).

Podemos complementar esta reflexão sobre o orgulho de ser surdo com o ponto de vista de Eagleton (2020, p. 113) sobre algumas consequências do humor. Afirma o autor que ‘a solidariedade gerada pelo humor é inseparável da noção de nossa diferença em relação aos outros e, como consequência, pode gerar certo antagonismo em relação a eles. Neste sentido, o humor é tanto elo quanto arma’.

REFERÊNCIAS

- BOSSE, R. H. *Literatura surda no currículo das escolas de surdos*. 2019. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.
- CASTRO, M. L. D. de. Com a palavra, o humor. In: FEDRIZZI, A. (Org.) *O humor abre corações e bolsos*. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p. 131-137.
- EAGLETON, T. *Humor – o papel fundamental do riso na cultura*. Rio de Janeiro: ed. Record, 2020.
- GANNON, J. R. *National Association of the Deaf*, 1981.

HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: ed. PUC-RIO, ed. Apicuri, 2016.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M. (Org.); LUNARDI-LAZZARIN, M. (Orgs.) *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. 1. ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

KARNOPP, L. B.; SILVEIRA, C. H. Humor na literatura surda. *Educar em Revista* (Impresso), p. 93-109, 2014.

LANE, H. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

McCLEARY, L. *O orgulho de ser surdo*. In: ENCONTRO PAULISTA ENTRE INTÉRPRETES E SURDOS, 1, (17 de maio) 2003, São Paulo: FENEIS-SP.

MOURÃO, C. H. N. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. 2016. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

MULLER, J. I. *Marcadores culturais na literatura surda: constituição de significados em produções editoriais surdas*. 2012. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MÜLLER, J. I.; KARNOPP, L. B. Letras-Libras: um espaço de produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: *Educação e pedagogias: problematizações*, 2012, Santa Cruz. III SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – Políticas e formação de professores. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

PADDEN, C. a HUMPHRIES, T. *Deaf in America: voices from a culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

PERLIN, G. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A.; LOPES, M. (Orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação de surdos*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2004.

POKORSKI, J. de O. Representações na Literatura Surda: produção da diferença surda no curso de Letras-Libras. 2014. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. *A beleza e a luta das mãos – representações na literatura surda*. Curitiba: Appris, 2020.

PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RUTHERFORD, S. D. *The Journal of American Folklore*, vol. 96, nº 381. Jul/set, 1983, p. 310 – 322.

SILVEIRA, C. H. *Literatura surda: análise da circulação de piadas clássicas em Língua de Sinais*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre.

SILVEIRA, C. H.; KARNOPP, L. B. Humor na cultura surda: análise de piadas. *Textura*. Canoas, ULBRA, v. 18, p. 169-189, 2016.

SLAVUTZKY, A. *Humor é coisa séria*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.